

CONTOS
DE
GUARDIÃO
VOLUME II

Ditado pelo Espírito Sete Porteiras
Médium Roberto R. Rodrigues

∞Lilian Campos∞
Copyright/2022

1ª edição

Proibida a modificação e reprodução total ou parcial desta obra, seja por meio eletrônico, mecânico, processos xerográficos, gravações em áudio, cópias não autorizadas, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão por escrito da autora. (Lei nº 9.610 de 19/02/1998).

Em caso de dúvidas entre em contato pelo e-mail: llcrys@hotmail.com

Todos os direitos reservados a autora.



Copyright © Lilian Campos

Copyright © Lilian Campos. 2022

ISBN: 978-65-00-34688-6

Autoria

∞Lilian Campos∞

Capa

Roberto R. Rodrigues

Diagramação

Roberto R. Rodrigues

Revisão

Mara Lima

C198c

Campos, Lilian

Contos de Guardião II / Lilian Campos – 1. Ed. – Foz do Iguaçu –

PR: Edição da autora, 2020.

488 p.: 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-00-34688-6

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93

CDU: 133.7

ATENÇÃO!

Como aviso, esclarecemos que os contos desse livro são baseados em fatos reais e podem apresentar temas adultos, abusos de substâncias, mortes brutais, descrições perturbadoras, palavras ofensivas e violência contra animais.

Tenha cuidado com menores de 16 anos. Para preservar a identidade de encarnados e desencarnados citados e envolvidos nas obras, todos os nomes, datas e locais foram propositalmente modificados.

Tal medida não altera a essência do trabalho, que mantém a autenticidade dos ensinamentos e veracidade dos acontecimentos principais. Essa obra tem como objetivo principal mostrar a realidade dos fatos que permeiam a vida da humanidade, portanto, muitos relatos podem parecer desagradáveis e insensíveis, pois expõe com clareza a condição evolutiva dos seres que hoje estagiam no campo terreno.

Sumário

Carta ao leitor	9
Capítulo 1	
Os Pequenos Capirotos.....	13
Capítulo 2	
O Último Trem.....	81
Capítulo 3	
Entrevista com Quiumba II.....	140
Capítulo 4	
A Missão.....	163
Capítulo 5	
O Desencarne do Humorista.....	182
Capítulo 6	
O Resgate de Elisa	210

Capítulo 7

A Casa Viva.....	287
------------------	-----

Capítulo 8

Tratamento de choque	312
----------------------------	-----

Capítulo 9

Noite de Show	352
---------------------	-----

Capítulo 10

O Padre e o Exu

Carta ao leitor

Estimado Leitor(a)

Desejo que Jesus Cristo abençoe toda a humanidade e ilumine a mente daquele que dedica seu tempo para a leitura dessa obra.

Agradeço aos irmãos que compartilham suas histórias e assim colaboram com o trabalho de elucidação. Juntos somos mais fortes e vamos mais longe sem esquecer que Somos Um.

O exemplo de vida desses irmãos é a prova de que todo o plantio um dia gera uma colheita, diante dessas questões pergunte-se o que você tem semeado? Porque está encarnado? Quais os compromissos assumidos antes do ingresso na matéria?

Ninguém nasce apenas para quitar débitos passados, a estadia na matéria é oportunidade de

aprendizado, avanço e prática do amor através da ajuda ao próximo.

Não se espante quando acontecer a identificação com algum personagem ou fato, essas obras são elaboradas justamente para que o leitor possa reconhecer aquilo que está escondido no mais íntimo e atrapalha o avanço na caminhada evolutiva.

Diante de qualquer semelhança, pare, reflita e pergunte-se: É assim que eu quero ser? Devo continuar por esse caminho? O que quero para minha vida espiritual? Estou nessa terra apenas para trabalhar, comer, dormir e procriar?

Lembre-se que a reencarnação é uma oportunidade Divina de evolução! Se esse é o objetivo primordial, então a mudança é necessária e obrigatória! Para ter sucesso nessa jornada é imprescindível organizar os pensamentos, equilibrar as emoções e elevar a frequência!

Se durante a caminhada uma religião se faz necessária, então não hesitem e procurem o

amparo, mas não esqueçam que a evolução é interior e intransferível, o reino dos céus está dentro de cada ser, Jesus Cristo vive no coração e Deus deve dominar a mente e cada pensamento!

Sigam em passos firmes e confiantes de que o caminho da luz é estreito, mas disponível e possível para todos! Sejam fortes, corajosos e não adiem a transformação! Que Jesus Cristo o conduza em cada pensamento, sentimento, atitude e esteja ao seu lado no decorrer de toda a caminhada!

Muita luz meus irmãos!

Abraços fraternos.

Sete Porteiras.

Capítulo 1

Os Pequenos Capirotos

“Então disse Jesus: Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam, pois o reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas”.

Mateus – 19:14

Enquanto Gabriel apertava desesperadamente os botões do controle, ao lado Rafael se contorcia e vibrava.

Em pé, com o corpo tenso, punhos cerrados e olhos estalados, o garotinho de oito anos assistia o desempenho do primo e falava com voz grave:

— Vai perder! Vai perder! Vai mooorreeer! Mooorreee! Mooorreee!

Gabriel segurou o controle com firmeza, se concentrou e manteve a concentração.

Ainda mais empenhado em atrapalhar e tirar o primo do jogo, Rafael bateu o pé e continuou:

— Catixa! Catixa! Catixa na postiça! Mooorreee! Morre! Moree! Vai morrer! Vai morrer!

Irritado com a torcida contrária, Gabriel retrucou:

— Cala a boca mané! Sai pra lá! Vou bater esse recorde!

— Vai não! Vai não! É minha vez, é minha vez! Mooorreee! Catixa! Catixa!

Quando Gabriel aproximava-se da pontuação tão desejada, Rafael fechou os olhos, se concentrou e falou com energia:

— Moooreeeeeee!

Captando a vibração negativa, Gabriel perdeu o foco e ouviu o sonoro game over.

Vibrando de contentamento, Rafael deu saltos, bateu palmas e se lançou sobre o controle falando:

— Agora é minha vez! Sai pra lá!

Irritado Gabriel cedeu o lugar e resmungou:

— Macumbeiro! Fica jogando catiça no meu jogo! Vou fazer o mesmo com você!

Rafael deu de ombros, se concentrou e começou o embate.

Ao passo que os garotinhos disputavam quem batia o recorde, na cozinha Helena e Cleonice conversavam.

Cleonice serviu o café recém-coado e falou com empolgação:

— Ai mana, tô muito animada, quero salgar a bunda até não aguentar mais! Já avisei o Pedro, ele que trate de arrumar o carro pra viagem!

Helena sorriu e respondeu:

— Também estou animada, a festa de Iemanjá é poderosa! Os macumbeiros se reúnem e deixam a praia linda!

Cleonice contorceu o rosto e reclamou:

— O problema é a lixarada que fica né mana, ano passado a maré trouxe de volta um monte de barquinho

que o povo ofereceu pra iemanjá, era galho de roseira pra todo o canto, tava cheio de gente furando os pés nos espinhos!

— Eu lembro mana! Gabriel me deu o maior susto! O menino tapado pisou em um monte de vela derretida na areia e queimou todo o pé! Foi um sufoco!

— É tudo muito bonito, muito lindo, mas bem que podiam cuidar um pouco, a praia é lotada de criança desmiolada, não dá pra acender vela em qualquer lugar! Aquelas barquinhas que mandam pro mar se quebram com as ondas e voltam todas despedaçadas, é um perigo!

— Isso é verdade, o povo não tem muito juízo! Você já avisou a mana que vamos ficar na casa dela?

— Avisei sim, Eloisa já está esperando! Disse que arrumou o quarto pros meninos e tá contando os dias!

Helena olhou para o relógio pendurado na parede e falou:

— Tá tarde mana, preciso ir! A gente se encontra no sábado! Que horas vocês vão?

— Pedrinho quer sair de madrugada, assim chegamos lá bem cedinho!

— Gilberto também quer sair cedo, então vamos chegar quase juntas!

Enquanto as mulheres se despediam, na sala o embate continuava.

Gabriel apontou para tela e disse entre risos:

— Agora você vai se ferrar! Duvido que consiga passar essa fase! Duvido!

— Consigo sim! Eu sou o melhor nesse jogo!

Gabriel fez figa e falou entredentes:

— Já perdeu! Já perdeu! Já perdeu!

Rafael se concentrou, respirou fundo, mas não conseguiu vencer a demanda negativa que o primo emitia.

Quando viu o grande game over na tela, se levantou em um salto e reclamou:

— Você fica jogando praga! Seu macumbeiro!

— Foi você quem começou! Duvido que consiga chegar no final desse jogo!

Rafael retirou uma bombinha do bolso e desafiou:

— Duvido que você vá lá fora e jogue essa bombinha na casa da vizinha!

Gabriel arrancou a bombinha das mãos de Rafael e respondeu:

— Eu duvido que você tenha coragem!

— Eu tenho coragem sim! Você que não tem!

— Eu tenho coragem! Sou macho!

Rafael desafiou:

— Pois então vá!

— Quanto você me paga para eu jogar essa bombinha na casa da vizinha?

— Pago nada! Você não disse que é macho?

Helena entrou na sala interrompendo a brincadeira e falou:

— Vamos Gabriel, está na hora!

O menino contorceu o rosto e lamentou:

— Ahhh mãe! Ainda não! Só mais um pouquinho!
Quero bater o recorde do primo!

Cleonice balançou a cabeça com indignação e murmurou:

— São uns capirotos mesmo!

Helena falou entre risos:

— Tá bom Gabriel, mais dez minutos e acabou!
Está ficando tarde!

Helena voltou para cozinha e disse:

— Deixa eu tomar mais um golinho desse café, tá
uma delícia!

Enquanto as mulheres prolongavam a conversa,
na sala a disputa acirrada continuava.

Meia hora depois Helena chamou:

— Gabriel! Agora vamos! Sábado vamos para praia
e você brinca mais com seu primo!

Gabriel soltou o controle, olhou desafiadoramente
e disse:

— Duvido que consiga bater meu recorde! Pode tentar! Você não é macho pra isso!

Rafael cerrou os olhos e retrucou:

— Duvido que você tenha coragem de jogar a bombinha na casa da vizinha!

Novamente Helena gritou:

— Ande Gabriel! Deus do céu! Vamos embora capiroto!

Os garotos trocaram um olhar matreiro e correram para a cozinha

Três dias depois, por volta das quatro horas da manhã Pedro colocava as últimas malas no carro, quando Cleonice acomodou a cesta de lanches no banco da frente, olhou para o filho mais velho e pediu:

— Claudionor, vai ver onde seu irmão está! Menino arretado da gota!

O rapaz contorceu o rosto e reclamou:

— Rafael tá lá no quarto! Logo ele vem! O que tem nessa cesta mãe?

— Fiz uns sanduíches de mortadela pra comer no caminho!

O rapaz olhou com desagrado e entrou no carro.

Cleonice correu para porta da sala e chamou com irritação:

— Rafael! Venha logo antes que eu suba aí e te traga pelas orelhas visse!

— Tô indo mãe! Só um pouquinho!

Pedrinho aproximou-se e pediu:

— Fale baixo, mulher! Quer acordar a vizinhança inteira? É madrugada! Esqueceu?

— Que se dane esse povo! Quero mais é ir de uma vez! Esse toco de amarrar bode que não desce!

Pouco tempo depois Rafael correu para o carro, e quando abriu a porta ouviu Cleonice gritar:

— O que é isso Rafael? Por que está com essa porcaria na mão?

— É o Roger mãe! Não posso deixar ele sozinho!

— Ahh não! Nem pense que vai levar esse rato sem rabo!

— Não é um rato mãe! É um porquinho da índia!

— Não me interessa! Esse bicho só caga e come! Deixe ele em casa!

Rafael olhou com tristeza para o porquinho e choramingou:

— Roger vai morrer de fome!

— Deixe de ser abestado! Ele não vai morrer de fome, encha a gaiola de grama, coloque bastante água e pronto!

— Mas ele tem medo de ficar sozinho!

Pedro aproximou-se de Cleonice e pediu discretamente:

— Deixe que ele leve o porquinho, esse bicho não faz nada!

Cleonice bufou e disse:

— Tá bom! Mas trate de cuidar desse bicho! Vai dar comida, água e limpar a gaiola todo dia! Não quero

sua tia reclamando do cheiro e falando que tenho filho porco visse!

Rafael acenou a cabeça concordando e rapidamente acomodou a gaiola de Roger no banco traseiro.

Após as desavenças, breves discussões e muita confusão, finalmente a família pegou a estrada.

Enquanto o corcel cortava a cidade paulista e seguia para a baixada santista, Rafael brincava com Roger e Claudemir cochilava tranquilamente.

Após muitos sanduíches de mortadela a família chegou ao destino.

Ao parar na frente da casa, Cleonice apontou e disse entre risos faceiros:

— Olha lá Pedrinho, Helena e Gilberto já chegaram! Tá todo mundo reunido! Eita alegria, é hoje que todo mundo salga a bunda!

Rafael saltou do carro e correu na direção do primo, quando se preparava para escapar, Cleonice gritou:

— Rafael! Volte aqui! Tu trate de arrumar um lugar pra esse rato sem rabo!

Gabriel encolheu-se entre risos e debochou:

— Vai lá Rafael, vai cuidar do seu filho Roger!

Rafael franziu o rosto e se apressou para achar um lugar para Roger.

Entre muita conversa, comemoração e brincadeiras, o dia passou rapidamente.

No final da tarde Eloisa lavava as louças do café quando Helena convidou:

— Vamos pra praia mana? Daqui a pouco os macumbeiros começam a chegar né!

— Ai mana, eu não vou não, chama Cleonice, ela que gosta dessas coisas!

— Deixa de bobagem, não é coisa ruim não! Vamos!

— Não quero ir não, prefiro ficar aqui vendo minha novela! Vão vocês, enquanto isso eu faço uns petiscos pra gente comer enquanto jogamos baralho!

— Tá bom, vou chamar a Cleonice, ela tá doidinha pra ver os macumbeiros!

Helena correu para varanda e convidou:

— Vamos Cléo? Daqui a pouco os macumbeiros começam a chegar! Às dezoito horas eles abrem os trabalhos!

Gabriel e Rafael que disputavam no videogame, ao ouvir a conversa rapidamente desistiram do jogo e correram para varanda.

Notando a ansiedade dos meninos, Helena perguntou:

— Vocês querem ir junto?

Rafael falou entre risos:

— Quero sim tia! Quero ver os macumbeiros!

Cleonice repreendeu:

— Não fale assim menino! Tenha educação!

— Mas eu ouvi a senhora falar que é a festa dos macumbeiros!

Novamente Cleonice repreendeu:

— Fica quieto menino! Te arranco as orelhas visse!
Vou te levar, mas se aprontar te corto o couro!

O menino acenou a cabeça concordando, olhou de canto para o primo e deu um sorriso diabólico.

Pouco tempo depois Cleonice e Helena caminhavam pela praia e olhavam com deslumbramento para as inúmeras tendas cuidadosamente montadas e decoradas.

Cleonice apontou para uma tenda harmoniosamente ornamentada e disse:

— Olha mana! Que lindo! Eles fizeram uma passagem com pés de milho! Até montaram um portal com folhas de palmeiras! Deve ser homenagem pra Oxóssi né!

— É sim mana! Da uma olhada lá dentro, tá cheio de médium incorporado com caboclo!

— E como tu sabe que é caboclo?

— É pela cor né mana! Quando usam o colar verde é pra Oxóssi! Tá vendo que alguns estão com charuto? Isso é coisa de caboclo!

Cleonice olhou ao redor e perguntou com espanto:

— Onde estão os meninos? Pra onde esses capirotos foram?

Helena olhou entre a multidão e logo avistou os meninos parados ao lado da tenda.

Ela respirou com alívio, apontou e disse entre risos:

— Olha lá os diabinhos! Estão imitando os caboclos! Deus do céu mana! O que fazemos com esses meninos?

Ao lado da tenda Rafael e Gabriel espiavam os médiuns incorporados e entre gargalhadas imitavam os gestos.

Rafael contorceu o rosto, fez um bico, cresceu a coluna, estufou o peito e levantou o braço gritando:

— Hê! Hê! Hê!

Gabriel caiu na gargalhada, bateu com a mão no peito, apontou o dedo para o céu e gritou:

— Iô! Iô Iô!

Rafael gargalhou e deu um salto quando Cleonice agarrou em suas orelhas falando:

— Menino danado! Te falei que arrancava tua orelha!

Contorcendo-se de dor, o menino resmungou:

— Ai, ai, ai! Solta minha orelha, tá doendo!

— É pra doer mesmo! De onde já se viu ficar zombando das entidades? Falei pra tu se comportar! Brinca, brinca pra ver! Daqui a pouco um desses caboclos vem aqui e te dá uma surra visse!

Enquanto Rafael ouvia o sermão de Cleonice, ao lado Gabriel recebia os petelecos de Helena.

Dentro da tenda os caboclos assistiam a cena e perguntavam-se o que acontecia com os encarnados que pareciam desequilibrados.

Após a dolorida advertência, os garotos se aquietaram.

Cleonice olhou ameaçadoramente e disse:

— Eu e sua tia vamos receber um passe e vocês tratem de ficar quietinhos visse!

Quando as mulheres deram as costas, os meninos se olharam, e novamente deram início as imitações.

Dentro da tenda Cleonice olhou com receio e sussurrou:

— Será que pode entrar assim mana? Não tem que marcar hora?

— Não sei, vamos perguntar pra saber!

Helena aproximou-se de uma colaboradora e perguntou com simpatia:

— Moça, a gente pode receber um passe dos caboclos?

— Podem sim, é só entrar na fila!

Cleonice e Helena correram para a fila e aguardaram ansiosamente.

Do lado de fora Gabriel e Rafael continuavam com as mímicas exageradas, entre gargalhadas e muito deboche, imitavam os movimentos dos caboclos e faziam caretas.

Um pouco acima dos garotos, dois guardiões observavam a cena e comentavam:

— Veja só Aristides, não é para acabar? Não é à toa que levam tantos cascudos!

— São crianças Antônio! É assim mesmo, não tem consciência!

Antônio aproximou-se Rafael, deu um sorriso e disse:

— Um dia você vai ser macumbeiro também! Vai tirando sarro vai!

Captando de maneira inconsciente o aviso, Rafael estremeceu e pediu:

—Vamos brincar de outra coisa, primo! Vai que os caboclos correm atrás de nós!

— Correm nada! Olha o que eu faço!

Gabriel bateu no peito, rolou no chão, fez um movimento rápido imitando um flecheiro e bradou:

— Iê! Iê! Iê!

Aristides meneou a cabeça com constrangimento e murmurou:

— Esse meu protegido ainda me mata de vergonha!

Dentro da tenda Cleonice parou diante do caboclo, recebeu o passe e quando se preparou para sair, ouviu a entidade falar:

— Seu filho vai vestir branco um dia! Deixe-o seguir o caminho que foi planejado! Não interfira!

Cleonice abaixou a cabeça reverenciando o caboclo, deu um sorriso e pensou:

— Já sei que vou ter um filho médico! A cartomante me disse a mesma coisa! Vou ter um filho que vai vestir branco!

Captando os pensamentos da mulher, a entidade olhou para Rafael que brincava distraidamente, sorriu e murmurou:

— O branco que ele vai usar não é esse! É o branco dos trabalhadores da luz!

Após o passe as mulheres deixaram a tenda e quando se afastaram alguns metros, Helena falou:

— Tô até mais leve mana! Você tá sentindo também?

— Tô sim! Deu até um alívio! Sabe o que o caboclo me disse?

— O que? Conta mana, conta! O meu caboclo não falou nada!

— Ele disse que meu filho vai vestir branco!

— É mesmo? Qual deles? O Rafinha ou o Claudionor?

— Não sei, mas acho que é o Claudionor, uma vez fui na cartomante e ela me disse a mesma coisa, que um dos meus filhos vai vestir branco! Vou ter um filho doutor!

Ao lado os guardiões se olharam de canto e logo Antônio comentou:

— Ela pensa que o mais velho vai ser médico! Engraçado, até parece que são apenas os médicos que usam branco, esquecem completamente dos açougueiros, sorveteiros, padeiros, dentistas e tantas outras profissões!

Aristides sorriu e respondeu:

— Ela jamais pensaria em uma dessas profissões! É orgulhosa, vai fazer tudo para que um dos filhos seja médico!

Antônio apontou e disse:

— Lá vão os capirotos! Vou te contar viu, todo ano é a mesma coisa! Eles resolvem vir para essa festa e nós trabalhamos em dobro!

Aristides olhou para imensa quantidade de espíritos desorientados que eram socorridos e falou:

— É assim mesmo Antônio, aqui forma-se uma gigantesca egrégora, uma oportunidade de recolher muitos desencarnados que estão perdidos pela região!

Ao passo que os guardiões deslizavam pelo plano astral e protegiam os garotos, no plano físico, Helena e Cleonice continuavam a caminhada.

Após alguns metros Cleonice parou subitamente, apontou e falou com temor:

— Olha lá mana! Tá vendo aquela tenda? Parece que é de Exu, tem uns panos preto e vermelho na porta!

— Tô vendo Cléo, quer entrar pra dar uma olhadinha?

Cleonice se benzeu e disse:

— Eu não, tenho medo desses Exus!

— Não tem que ter medo não! Eles fazem trabalho pro bem!

Notando que Rafael e Gabriel bisbilhotavam a tenda de Exu, rapidamente Cleonice chamou:

— Rafael! Venha aqui menino desgranhento! Você também, Gabriel!

Os garotos atenderam o chamado e quando pararam na frente de Cleonice, receberam a advertência:

— Vocês fiquem longe daquela tenda! É perigoso!

Gabriel interrogou:

— O que tem lá tia?

— Não é da sua conta menino!

Helena explicou:

— É uma tenda de Exu meu filho! Não podem brincar por lá, essas entidades não gostam de criança!

Cleonice acrescentou:

— Eles se transformam em diabos e correm atrás das crianças!

Rafael olhou para tenda com receio, e Cleonice continuou:

— Vai brincar com exu pra ver! A noite ele se transforma em diabo e te pega no sonho! Vai lá pra ver o que é bom!

Completamente amedrontados, os meninos olharam com medo e acenaram a cabeça mostrando que haviam entendido.

Helena apontou para uma barraca de lanches e pediu:

— Vamos tomar um refrigerante, mana? Tô com a garganta seca!

Cleonice olhou para os meninos e advertiu:

— Vão brincar e se comportem! Ou já sabem, a noite o Exu pega vocês!

Helena sorriu e perguntou:

— Querem um refrigerante ou preferem brincar?

Prontamente Gabriel respondeu:

— Quero brincar!

— Então vão, mas não se afastem, fiquem por perto!

Rapidamente os meninos correram para longe e quando passaram na frente da tenda de Exu, Gabriel parou e disse entre risos:

— Duvido que você entre lá dentro!

Rafael retrucou:

— Entra você!

— Você é um cagão! Se fosse macho entrava lá!

— Não sou cagão! Você que é cagão!

Entre gargalhadas, novamente Gabriel desafiou:

— Duvido! Cagão, cagão, cagão!

Rafael estufou o peito, olhou com bravura e se arremessou na direção da tenda.

Correndo o mais rápido que conseguia, o garoto atravessou a porta, deu alguns passos e saiu em disparada.

Os guardiões, que trabalhavam no plano astral e garantiam a proteção e ordem do lugar, observaram o garoto que corria desesperadamente e se olharam de canto sem compreender.

Notando a palidez de Rafael, Gabriel se entregou a gargalhada e disse:

— Quase morreu de medo! Ah, ah, ah, ah! É um cagão!

— Não sou cagão! Acabei de provar que sou macho! Você que é um cagão!

Notando as várias oferendas para Erês, Rafael estalou os olhos, apontou e disse:

— Olha lá Gabriel! Olha lá! Tô vendo uma tigela cheia de doces!

— Não é uma tigela seu besta! São oferendas! Vamos olhar!

Os garotos correram na direção do alguardar e quando pararam diante dos doces, os olhos brilharam.

Espantado com a variedade de guloseimas, Gabriel apontou para o horizonte e disse:

— Olha lá primo! É um monte de oferenda com doce! Nunca vi tanta coisa gostosa!

Rafael cutucou o primo e desafiou:

— Duvido que você coma aquele quindim!

— Eu não! Coma você!

Entre risos debochados, Rafael falou:

— Você é um cagão! Eu já enfrentei os Exus e você não fez nada! Duvido que tenha coragem!

Gabriel olhou com raiva e desafiou:

— Se você comer primeiro eu como!

— Só como se você me pagar!

— Tá bom! Te dou mil cruzeiros!

Rapidamente Rafael imaginou-se comprando uma caixa de bombinhas, que custava o mesmo valor, e aceitou prontamente:

— Fechado! Mas tem que me pagar antes!

— Não vou pagar adiantado! Você come e depois te dou o dinheiro!

— Então quero ver a grana!

Gabriel enfiou a mão no bolso, mostrou o dinheiro e disse entre risos:

— Via lá! Quero ver se você tem coragem!

Rafael caminhou entre os alguidares, escolheu o mais atrativo, pegou um quindim e deu uma pequena mordiscada.

Gabriel aproximou-se reclamando:

— Tem que comer tudo!

Rafael olhou com receio, hesitou, mas finalmente se munuiu de coragem e enfiou o doce na boca.

Enquanto o garotinho mastigava lentamente o quindim, Gabriel olhava com espanto.

Rafael jogou o doce de um lado para o outro da boca, tentou engolir, mas tomado pelo medo da macumba, começou a fazer ânsias de vômito.

Notando que o primo estava prestes a cuspir o doce, Gabriel reforçou:

— Se vomitar perde a aposta! Tem que engolir!

Rafael respirou fundo, gemeu e quando estava quase desistindo, sentiu o doce descer pela garganta.

Vibrando de alegria, Rafael levantou os braços, saltou com alegria e gritou:

— Ganhei! Ganhei! Me dá a grana!

Gabriel revirou os olhos, bufou e resmungou:

— Pegue seu dinheiro!

Rafael guardou o prêmio no bolso, apontou para uma travessa de manjar de coco e falou:

— Duvido que você coma aquele negócio branco!

— Eu como sim! Quanto você me paga?

— Te devolvo os mil cruzeiros!

Gabriel se lançou sobre a travessa, encheu a mão e enfiou na boca. Ao sentir o sabor adocicado do manjar, jogou de um lado para o outro da boca, gemeu, começou a suar e repentinamente sentiu a náusea. Contorcendo-se para não vomitar, ouviu os deboches de Rafael:

— Vai vomitar! Vai vomitar! Vaaaai, vaaaai, vomitar!

Gabriel se curvou e lançou o manjar para fora. Entre tosses e ânsias de vômito, ele babava e ouvia as gargalhadas do primo.

Quando finalmente Gabriel conseguiu se recompor, Rafael sorriu com satisfação e falou:

— Perdeu a aposta! O dinheiro é meu! Agora vamos procurar um frango? Duvido que você coma uma coxa!

Os garotos trocaram um olhar maquiavélico e dispararam em busca de mais aventuras.

No plano astral Antônio alisou a testa e resmungou:

— Se eu estivesse encarnado estaria suando! Deus do céu! Não param!

Enquanto os garotos enchiam os bolsos com balas, pirulitos e doces das oferendas, os guardiões garantiam a proteção e afastavam os espíritos desequilibrados que eram encaminhados para as tendas.

Na barraca de lanches Helena olhou ao redor, secou a testa suada e perguntou:

— Você tá vendo os meninos mana?

Cleonice se levantou, olhou em todas as direções e respondeu com irritação:

— Sumiram! Mas é hoje que eu arrebento o Rafael!
Vou arrancar as orelhas desse diabinho!

As mulheres pagaram a conta e correram em busca dos pequenos capirotos.

Olhando dentro das tendas, nas barracas de lanche e entre a multidão, aos poucos Helena começou a entrar em desespero. Quando ela começou a chorar, avistou os meninos correndo entre as oferendas, bufou com irritação, colocou a mão no peito e falou com respiração ofegante:

— Achei os meninos mana!

— Onde eles estão?

Helena apontou e disse:

— Estão lá nas oferendas!

— Meu Deus do céu! Estão mexendo nas oferendas pros erês! Vamos pegar esses pestes!

As mulheres caminharam na direção dos garotos e quando se aproximaram Helena disse:

— Olha mana, é a tenda dos erês, vamos dar uma olhada?

— Primeiro quero pegar o Rafael! Vou arrancar os cabelos desse menino!

— Deixa eles mana, estão só brincando! Depois a gente dá um susto!

As mulheres pararam ao lado da tenda e assistiram os médiuns incorporados com seus encantados.

Cleonice olhou com tristeza e disse:

— Tadinhos, me falaram que esses erês são crianças que morreram antes do tempo!

— É verdade mana, também me contaram isso! Que triste né! Vai ver que não tiveram tempo para comer um docinho e beber refrigerante, por isso descem nos terreiros!

Cleonice olhou com preocupação para os garotos e disse:

— Olha lá Helena! Minha Nossa Senhora, veja o que aqueles capirotos estão aprontando!

Helena olhou, arregalou os olhos e disse:

— Minha virgem! Estão comendo as oferendas!
Pode não, isso tá tudo macumbado!

Rapidamente as mulheres correram na direção dos garotos.

Ao ver a aproximação rápida, Aristides falou entre risos:

— Lá vem mais cascudo!

Enquanto Cleonice agarrava Rafael pelas orelhas, Helena dava petelecos na traseira de Gabriel.

Diante da situação, os guardiões gargalharam divertidamente.

Após a coça, Cleonice apontou para uma barraquinha de sorvete e disse:

— Vamos comprar algo gelado mana! Não aguento esse calor!

Olhando ameaçadoramente para Rafael, Cleonice alertou:

— Fique perto! Se continuar aprontando quando chegar em casa te desço a ripa! Vão olhar a tenda dos erês!

Rafael e Gabriel olharam para a tenda, novamente mostraram o sorriso diabólico e correram.

Notando a aproximação dos garotos, um médium perguntou:

— Querem entrar? Se quiserem podem brincar com os erês!

Gabriel franziu a testa e falou:

— Eu não! Parecem retardados!

O médium conteve a gargalhada e disse:

— Não são retardados! São adultos que estão manifestando uma entidade que morreu quando era criança! Se quiserem podem entrar¹!

Quando o médium se afastou Rafael cutucou o primo e disse entre risos:

¹ **Nota do Guia Espiritual:** Grande parte dos Erês são espíritos que nunca encarnaram na terra. O último capítulo do Livro Tudo Sob- Controle, da mesma escritora, traz mais esclarecimentos sobre o tema.

— Olha lá aquele médium gordo, até parece o Tonho!

— Que Tonho?

— Aquele abobado que mora na rua debaixo!

Gabriel forçou a memória e quando se lembrou do rapaz com agudo retardo mental, falou entre gargalhadas:

— É verdade! Parece o Tonho! Minha mãe disse que ele é assim porque nasceu depois do tempo!

Rafael apontou para uma médium que engatinhava e sussurrou:

— Olha lá Gabriel, ela chupa chupeta! Éca, que nojo!

Após debochar e rir de todos os médiuns, novamente os meninos correram para a praia.

Zanzando entre as tendas, eles imitavam os caboclos, sacudiam o corpo fingindo a incorporação, se curvavam como os pretos velhos e enchiam os bolsos com os doces das oferendas para Erês.

Parados diante de outra tenda que trabalhava com Exu, Rafael olhou com receio, coçou a cabeça e falou:

— Duvido que você entre lá dentro e faça uma dancinha de macumbeiro!

Gabriel pensou por alguns segundos, estremeceu de medo e perguntou:

— Quanto você me paga? Quero que me devolva os mil cruzeiros!

— Tá bom, mas tem que fazer a dancinha lá no meio!

Aristides aproximou-se de Gabriel e falou:

— Vai! Vai pra ver o que é bom! Brinca com Exu!

Gabriel estremeceu, olhou de canto para Rafael e disfarçadamente mentiu:

— Não vou não! Essa tenda é muito vazia! Vamos achar outra que tenha mais macumbeiros!

Rafael colocou as mãos na cintura, começou a dançar imitando os médiuns e disse entre risos:

— Tá com medo! Tá com medo!